

TODAS AS ARTES

.....
REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA
ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 7, N. 1, Jan.-Abr. 2024
ISSN 2184-38052

A ARTE ECOLÓGICA EM PORTUGAL: ARTE ATIVISMO E POLÍTICAS CULTURAIS SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

ECOLOGICAL ART IN PORTUGAL: ART ACTIVISM AND CULTURAL POLICIES FROM A CULTURAL STUDIES PERSPECTIVE

L'ART ÉCOLOGIQUE AU PORTUGAL: ACTIVISME ARTISTIQUE ET POLITIQUES CULTURELLES DANS UNE PERSPECTIVE D'ÉTUDES CULTURELLES

ARTE ECOLÓGICO EN PORTUGAL: ACTIVISMO ARTÍSTICO Y POLÍTICAS CULTURALES DESDE LA PERSPECTIVA DE LOS ESTUDIOS CULTURALE

Tatiana Lopes Vargas

Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Grupo de Estudos em Comunicação, Ciência e Ambiente, Braga, Portugal

RESUMO: Abordagens críticas sobre sustentabilidade ambiental são necessárias para evitar a mera reprodução de discursos políticos e institucionais (Krieg-Planque, 2010), e a arte pode ser uma forte aliada neste sentido. Artistas podem ser agentes de transformação para a sustentabilidade ambiental (Dieleman, 2008) e a arte ecológica pode ser uma prática de resistência que estimula a colaboração e a interdisciplinaridade. Tendo os Estudos Culturais como principal base epistemológica, este estudo visa refletir sobre o contexto geral em que se apresenta a relação entre arte e sustentabilidade ambiental, em Portugal, com vistas a pensar nas tensões implicadas neste contexto. Para além de uma discussão teórica sobre arte ativista e arte ecológica, propõe-se uma reflexão sobre o contexto das políticas culturais portuguesas ligadas ao ambiente. Foi realizada uma análise teórico-interpretativa, com uma orientação crítica e reflexiva, com base nas informações disponibilizadas pela Direção Geral das Artes sobre o tema. Com este estudo, espera-se contribuir para a reflexão sobre a identidade política da arte e a necessidade do setor cultural questionar as suas práticas e os contextos sob os quais se desenvolve a produção artística ambientalmente sustentável em Portugal.

Palavras-chave: arte ecológica, arte ativismo, políticas culturais, setor cultural português, práticas sustentáveis.

ABSTRACT: Critical approaches to environmental sustainability are crucial to avoid reproducing political and

[42]

institutional discourse (Krieg-Planque, 2010). Art serves as a strong ally in this regard, with artists as agents of environmental transformation (Dieleman, 2008). Ecological art functions as a practice of resistance, promoting collaboration and interdisciplinarity. Grounded in Cultural Studies, this study reflects on the relationship between art and environmental sustainability in Portugal, addressing associated tensions. It not only engages in theoretical discussions about activist and ecological art but also scrutinizes Portuguese cultural policies related to the environment. This research is a critical and reflective analysis based on information from the Direção Geral das Artes. It aims to stimulate contemplation on art's political identity and the necessity for the cultural sector to scrutinize its practices and the contexts enabling environmentally sustainable artistic production in Portugal.

Keywords: ecological art, art activism, cultural policies, Portuguese cultural sector, sustainable practices.

RÉSUMÉ: Les approches critiques de la durabilité environnementale sont nécessaires pour éviter la simple reproduction des discours politiques et institutionnels (Krieg-Planque, 2010), et l'art peut être un allié de poids à cet égard. Les artistes peuvent être des agents de transformation pour la durabilité environnementale (Dieleman, 2008) et l'art écologique peut être une pratique de résistance qui encourage la collaboration et l'interdisciplinarité. Avec les études culturelles comme principale base épistémologique, cette étude vise à réfléchir au contexte général dans lequel la relation entre l'art et la durabilité environnementale est présentée au Portugal, en vue de réfléchir aux tensions impliquées dans ce contexte. En plus d'une discussion théorique sur l'art militant et l'art écologique, elle propose une réflexion sur le contexte des politiques culturelles portugaises liées à l'environnement. Une analyse théorique-interprétative a été réalisée, avec une orientation critique et réflexive, sur la base des informations fournies par la Direction Générale des Arts sur le sujet. Avec cette étude, nous espérons contribuer à la réflexion sur l'identité politique de l'art et la nécessité pour le secteur culturel de remettre en question ses pratiques et les contextes dans lesquels la production artistique écologiquement durable est développée au Portugal.

Mots-clés: art écologique, activisme artistique, politiques culturelles, secteur culturel portugais, pratiques durables.

RESUMEN: Los enfoques críticos de la sostenibilidad medioambiental son necesarios para evitar la mera reproducción de discursos políticos e institucionales (Krieg-Planque, 2010), y el arte puede ser un gran aliado en este sentido. Los artistas pueden ser agentes de transformación para la sostenibilidad medioambiental (Dieleman, 2008) y el arte ecológica puede ser una práctica de resistencia que fomente la colaboración y la interdisciplinariedad. Con los Estudios Culturales como principal base epistemológica, este estudio pretende reflexionar sobre el contexto general en el que se presenta la relación entre arte y sostenibilidad medioambiental en Portugal, con vistas a reflexionar sobre las tensiones implicadas en este contexto. Además de una discusión teórica sobre el arte activista y el arte ecológica, se propone una reflexión sobre el contexto de las políticas culturales portuguesas vinculadas al medio ambiente. Se realizó un análisis teórico-interpretativo, con una orientación crítica y reflexiva, a partir de la información proporcionada por la Dirección General de las Artes sobre el tema. Con este estudio, esperamos contribuir a la reflexión sobre la identidad política del arte y la necesidad de que el sector cultural cuestione sus prácticas y los contextos en los que se desarrolla la producción artística ambientalmente sostenible en Portugal.

Palabras-clave: arte ecológica, activismo artístico, políticas culturales, sector cultural portugués, prácticas sostenibles.

1. Introdução

Abordar as questões ambientais através da crítica artística requer inevitavelmente o confronto com a realidade e com as responsabilidades pelo estado de emergência climática verificada atualmente. O posicionamento de Raymond Williams de que a cultura está interligada a diversas esferas, tais como econômica, ideológica e histórica (Cevasco, 2003), reforça a necessidade de incluir a esfera ambiental no debate, já que garante o que Williams referiu, de acordo com Cevasco (2003), como um uso democrático da noção de cultura que seja potencialmente benéfico para a mudança social. O contexto ambiental atual reflete a confluência de diversas esferas e está relacionado principalmente com: a) o uso indevido de discursos que vêm acompanhados de ações paliativas em desenvolvimento sustentável, por parte de instâncias político-governamentais e mercadológicas; b) o desconhecimento ou negligência a respeito da noção de coexistência entre a sociedade e o ambiente; e ainda c) a ignorância associada à falta de vontade política em compreender as questões ambientais de forma conjuntural e temporalmente evolutiva. A concepção de cultura alinhada com esta perspectiva integradora reflete a visão de Williams da cultura como modo de vida, práticas, sentimentos e pensamentos articulados (Ribeiro, 2017). Ou seja, a cultura mantém-se no cerne das lutas sociais em suas mais diversas abordagens.

Este artigo tem o objetivo de refletir sobre o contexto geral em que se desenvolve a relação entre arte e sustentabilidade em Portugal. Especificamente, pretende-se contribuir com o processo de produção de conhecimento sobre arte ecológica e levantar questões e reflexões sobre o contexto português em que estas práticas artísticas ocorrem. Para tanto, vão ser apresentados diferentes exemplos de projetos ou artistas portugueses como forma de ilustrar abordagens de ativismo artístico ambiental e embasar a discussão sobre as políticas culturais. Em termos de abordagem teórico-metodológica, optou-se por um caminho reflexivo, interpretativo e crítico na linha dos estudos de Boullosa, Peres e Bessa (2021) que empreende uma análise da estruturação do objeto. Neste caso, os exemplos de artistas e projetos portugueses e as informações disponibilizadas pela Direção Geral das Artes sobre sustentabilidade nas artes constituem o foco da análise. A discussão ocorreu de forma conjuntural e a perspectiva da autora - produtora cultural com 14 anos de experiência - compôs também o investimento metodológico.

2. Uma breve contextualização teórica sobre arte ativismo

O ativismo artístico não tem uma definição única (Vieira, 2007). Diferentes autores usam termos como arte ativismo, artivismo, arte pública, arte política e arte interventiva de forma intercambiável. Em *Será que a arte resiste a alguma coisa?* (Rancière, 2007), a relação complexa entre arte e resistência é explorada. Rancière destaca como a arte pode gerar dissidência, questionamento e emancipação, sem precisar ser explicitamente política. Ele argumenta que ver e interpretar a arte também podem ser formas de resistência e transformação. Rancière sugere que a relação entre arte e política é uma dimensão que compõe a identidade da arte e que a tensão entre esses dois domínios é crucial para a eficácia da resistência. Assim, a arte cria um espaço material e simbólico que oferece uma nova liberdade sensível (Rancière, 2007). Para o autor, a liberdade estética da arte ativista está na integração da arte com a vida coletiva, promovendo a igualdade e a liberdade, por meio da interação entre arte e público. Ele ressalta que o ativismo não é um serviço prestado pela arte ou pelo artista, mas sim um espaço onde as vozes subalternas podem ser ouvidas e as formas tradicionais de poder desafiadas. Entre as abordagens da arte ativista há manifestações relacionadas com as práticas de comunicação comunitária, nas linhas de

Homi Bhabha e Grant Kester, ou ainda ao diálogo com instituições e outras esferas públicas, que é o caso de Finkelpearl (Vieira, 2007). A artista Andrea Fraser defende que a arte política é aquela que se propõe a intervir de forma consciente nas relações de poder e a produzir a obra de arte tendo esta intervenção como princípio organizador, desde a forma ao conteúdo, até ao seu modo de produção e circulação (Bordowitz, 2004). Segundo Sheikh (2017), Lucy Lippard distingue a arte política da arte ativista: a primeira é socialmente consciente, a segunda é socialmente envolvida. Ela usa a metáfora do Cavalo de Tróia para descrever a arte ativista, após 1980, que se escondia sob um objeto estético sedutor. Essa arte não buscava derrubar regimes violentamente, mas sim subverter o teor dos objetos estéticos.

Já na obra *But Is It Art?: The Spirit of Art as Activism*, de Nina Felshin, em 1995, vemos o posicionamento sobre a importância do papel da arte contemporânea como uma forma de ativismo político e social. Felshin (1995) refere que Suzanne Lacy é uma das autoras que considera a arte ativista como uma abordagem sobre um problema sociocultural específico através da noção de *site specific*, em que a obra é pensada e criada para existir em função de determinado lugar (citado também por Vieira, 2007). Felshin (1995) ainda questiona se a arte ativista pode ou não ser considerada como um novo gênero da arte pública. A autora considera que o ativismo na arte desafia conceitos artísticos convencionais, envolve o público em temas variados (direitos civis, justiça social, igualdade de gênero, meio ambiente e identidade) e inspira criatividade com métodos inovadores de diferentes áreas artísticas. Vieira (2007), que também cita Felshin (1995) sobre este tema, chama a atenção para a questão de que:

Muitos dos projectos nasceram inclusive pela participação directa dos habitantes dos seus locais de criação e/ou exibição. Mas nunca se poderá esquecer que o que efectivamente impulsionou os projectos activistas desde o seu início não foi um local específico, mas um problema específico. Portanto esta definição não é comensurável com as iniciais pretensões processualmente orientadas dos projectos activistas. Nem tampouco os projectos activistas representam uma evolução que se poderia incluir numa definição mais alargada de arte pública (Vieira, 2007: 6).

Kester (2011) vê a arte participativa como prática criativa para abordar questões sociais, políticas e culturais. Ele analisa globalmente artistas nessa área e destaca como a arte colaborativa: a) desafia hierarquias artísticas tradicionais, gerando obras interdisciplinares e polifônicas; b) promove o diálogo intercultural contemporâneo através de várias interações do público, enriquecendo a experiência. Por fim, Rodrigues-Labajos (2022) enfatiza o poder pedagógico da arte ativista no desenvolvimento de consciência, cognição e mudanças comportamentais em face de questões sociais. Nesse contexto, assumimos que o ativismo, especialmente no âmbito socioambiental, envolve perspectivas complexas, dialógicas e flexíveis (Guerra, 2019).

3. Arte ecológica

A arte ecológica, ecoarte ou arte ambiental pressupõe um amplo conhecimento interdisciplinar por meio da relação entre o sentir e pensar; fundamenta-se em uma ética ecológica e na teoria de sistemas, abordando a rede de inter-relações entre os aspetos físicos, biológicos, culturais, políticos e históricos dos ecossistemas (Wallen, 2012). Conforme Lopes, Farinha e Amado (2017), a relação entre arte e sustentabilidade envolve a

reabilitação de espaços do patrimônio público e o aproveitamento e/ou uso ecológico de materiais. O objetivo principal seria o de promover a reabilitação social e econômica, através das práticas e intervenções artísticas, com vistas à movimentação da economia local, geração de empregos e turismo. Esta abordagem tem vindo a chamar a atenção de gestores públicos da cultura até pela notoriedade que pode causar. Contudo, aqui não se pode deixar de colocar o ponto de que os discursos e as ações institucionais podem não assegurar práticas efetivamente ecológicas ou ser socialmente sustentáveis a longo prazo. Sobre desenvolvimento sustentável, é importante não reproduzirmos meramente os discursos políticos e institucionais para não adentrarmos a uma abordagem neutra do tema (Krieg-Planque, 2010). Um exemplo deste enfoque de reabilitação urbana é o artista português Vhils - Alexandre Farto - que tem como característica a interação entre obra de arte, ambiente urbano e reabilitação de espaço público. O seu trabalho artístico reflete sobre o impacto da urbanidade, do desenvolvimento e da uniformização global sobre as paisagens e a identidade das pessoas. Segundo o editor do Vhils Studio, Miguel Moore, o artista opta pela técnica de escultura em baixo-relevo que constitui a base do projeto *Scratching the Surface*, apresentado em 2007 na exposição coletiva VSP em Lisboa (Vhils, 2023)¹. O exemplo da técnica de Vhils pode ser vista na figura 1.



Figura 1: Obra de Vhils “Mariele Franco. Foto de Bruno Lopes
Fonte: <https://vhils.com/map/brave-walls-amnesty-international/>

¹ Para mais informação consultar: <https://vhils.com/about/>

O ativismo pode ser visto como um constituinte crescente do ativismo ambiental e, na visão de Rodrigues-Labajos (2022), articula-se em torno de três tópicos principais: 1) a educação do público através de expressões performativas das atuais crises ambientais globais, especialmente as alterações climáticas; 2) as reflexões ecocríticas de controvérsias e conflitos ambientais em direção a práticas emancipatórias criativas; e 3) a prática artística como uma via para a melhoria ambiental em diferentes setores com o envolvimento de cidadãos, governos e atores empresariais (Rodrigues-Labajos, 2022: 1). Kagan (2014) define a arte ecológica como práticas artísticas unidas por princípios como conectividade, responsabilidade ética e ecológica, equilíbrio dinâmico e exploração da complexidade da vida. O estudo de Beatriz Labajos *Artistic activism promotes three major forms of sustainability transformation* contribui com a percepção sobre como as diferentes reivindicações ambientais e iniciativas transformadoras são expressas e promovidas através de meios artísticos. Através de uma revisão de literatura sobre ativismo artístico ambiental, com estudos realizados entre 1991 e 2021, a autora demonstra os propósitos e repertórios dos artistas. Entre as principais contribuições das investigações sobre projetos de arte ecológica, Rodrigues-Labajos (2022) destaca: 1) a utilização de tecnologias digitais ao serviço do monitoramento ambiental que demonstra as características de interdisciplinaridade das abordagens; 2) as exposições de arte ou performances durante eventos ou negociações importantes da área ambiental que promovem a visibilidade estratégica para as causas socioambientais; 3) a mais-valia da diversidade dos projetos: da literatura, à arte visual, aos projetos participativos e performativos, dando o exemplo das caminhadas ou dança de mulheres indígenas no Canadá como um destes formatos inovadores; 4) e, por fim, a exploração das relações conflitantes entre humanos e ambiente, no contexto do período atual da história da Terra, conhecido como Antropoceno, e que estuda o impacto duradouro e profundo da humanidade no ambiente. Entre os temas principais dos projetos artísticos de ativismo ambiental estão as alterações climáticas, a poluição do ar e a vulnerabilidade do mundo não-humano. Nos estudos analisados, o ativismo varia desde a crítica e contestação até ações orientadas para resultados. Projetos que envolvem a monitorização ambiental através de novas tecnologias ou a participação dos públicos no processo criativo podem ser exemplos da abordagem para resultados ou para a sustentabilidade através da arte. Por outro lado, projetos que envolvem altos níveis de performatividade (com forte apelo sensorial) podem ser da abordagem de oposição (Rodrigues-Labajos, 2022).

A exposição itinerante *Beyond Green: Towards an Art of Sustainability*, com foco na arte visual e no design sustentável, explorou a relação entre arte contemporânea e sustentabilidade ambiental. A exposição apresentou obras de artistas notáveis, como Olafur Eliasson, Andrea Zittel e Mark Dion, através de instalações, esculturas, fotografias e vídeos, além de programas envolvendo educação ambiental. As obras de arte exploraram temas como o uso de materiais sustentáveis, a reflexão sobre o consumo excessivo, a interação com a natureza e a conscientização sobre as alterações climáticas (Smith, 2006). Uma das obras foi a *The Right to Know! F.R.U.I.T.*, uma instalação de arte contemporânea criada pelo artista Mark Dion que faz uma crítica satírica ao uso de pesticidas e produtos químicos na agricultura convencional (Margolin, 2006). A obra criticava a falta de transparência na indústria agrícola e a falta de informações sobre produtos químicos nos rótulos dos alimentos.

Sob uma ótica ampla, é importante pensarmos sobre práticas ambientalmente sustentáveis nos setores culturais. Exemplos dessas práticas podem ser verificadas na *Recycling Tour* de Manu Delago, músico austríaco conhecido por tocar o instrumento *hang drum* e por uma

abordagem experimental da música. Durante a turnê de 2023, entre Áustria e Holanda, os concertos foram realizados principalmente com instrumentos feitos de materiais reciclados. Artistas e técnicos usaram bicicletas com painéis solares e realizaram performances parcialmente acústicas e com energia solar, incentivando o público a repensar suas práticas ambientais cotidianas inclusive na deslocação para os concertos (Recycling Tour, 2023)².

4. A arte ecológica em Portugal: exemplos e abordagens

Ao mesmo tempo em que emergência climática vem sendo tratada de forma recorrente no âmbito das culturas contemporâneas, nota-se o crescimento de projetos e artistas portugueses que desenvolvem um trabalho de arte ecológica, abordam o tema em uma ou mais fases do processo criativo ou ainda que consideram o ativismo ambiental como identidade das suas criações. Ao lado de Vhils, Bordalo II - Artur Bordalo - é um dos artistas portugueses de alcance global que tem seu processo criativo vinculado ao ativismo. Ele é conhecido por suas esculturas e instalações que têm uma forte ênfase na reciclagem e na crítica socioambiental. As suas esculturas representam animais de espécies em vias de extinção. Ele usa essas esculturas para destacar questões ambientais, tais como a poluição, a degradação do habitat e o impacto do lixo e do consumo na natureza. O trabalho do artista caracteriza-se por uma ação de protesto contra a destruição do meio ambiente e uma chamada à ação, tanto para a conscientização ambiental, quanto para outros temas relevantes para as sociedades, como aconteceu na sua intervenção sobre a crise na habitação em Portugal, em setembro de 2023 (Bordalo II, 2023)³.



Figura 2: Big trash animals- Half Fox (2017). Foto: Bordalo II
Fonte: www.bordaloii.com



HABITAÇÃO
Bordalo II monta tendas em Lisboa para criticar o “desalojamento local”
O artista Bordalo II montou em Lisboa várias tendas transformadas em casa, zonas onde só existem hotéis e outras que só permitem a entrada de turistas, nómadas digitais e vistos gold.

Figura 3: Desalojamento local
Fonte: P3 - Jornal Público, em setembro de 2023

² Para mais informação consultar: <https://recyclingtour2023.com>

³ Para mais informação consultar: www.bordaloii.com

Ricardo Ramos, também conhecido como Xicogaivota, é um artista que utiliza lixo encontrado nas praias portuguesas como matéria-prima para suas criações. Sua conexão com a natureza, especialmente o mar, é refletida em seu trabalho artístico, que se tornou um modo de vida para ele (Xicogaivota, 2023)^{4.1}. O que começou com a recolha de resíduos nas praias ao lado de seus filhos tornou-se no cerne de seu processo criativo. Ele cria esculturas usando apenas pedaços de lixo, sem a necessidade de colas ou tintas, utilizando encaixes e parafusos, o que também minimiza sua pegada ambiental. Além de sua prática artística, Ricardo realiza workshops em escolas portuguesas e em alguns países africanos. Durante essas sessões, ele apresenta o seu processo criativo e aborda questões ambientais relacionadas, permitindo que as crianças participem ativamente e experimentem o processo em si.



Figura 4: Broom Fish

Fonte: <https://www.xicogaivota.com/artwork#/broomfish/>

O projeto Terra Batida constitui-se por meio de uma rede que organiza programas de residência e comissiona pesquisas para que artistas, cientistas e ativistas se cruzem no acompanhamento de conflitos socioambientais em diversos contextos territoriais portugueses. No seu site institucional, o projeto descreve-se como uma rede de pessoas, práticas e saberes em disputa com formas de violência ecológica e abandono político em Portugal, que considera escalas locais, globais e multiespecíficas. Durante a residência *Terra no Fundão* houve a discussão sobre os 100 anos da mineração na região do Fundão e a possível exploração de lítio sob a bandeira da descarbonização (Terra Batida, 2023)^{5.1}. Os artistas foram ao encontro dos contextos e agentes do território para pensar a partir dos seus desafios ambientais. Entre as práticas desenvolvidas no contexto da residência, os

^{4.1} Para mais informação consultar: www.xicogaivota.com

^{5.1} Para mais informação consultar: <https://terrabatida.org>

artistas realizaram sessões de conversa sobre temas ambientais com alunos de um Agrupamento de Escolas, caminhadas-conversa com grupos ativistas locais, práticas de leitura, exibição de filme, sessões para apresentação de projetos artísticos locais e intervenções.



Figura 5: Intervenção do projeto Terra Batida no Fundão
Fonte: https://terrabatida.org/territorios_one.php?

Outro exemplo de projeto guiado pela reflexão e criação a partir do território, é o Sustentar - um programa de laboratórios criativos produzido pela Ci.CLO - uma plataforma de criação, pesquisa e intervenção na área da fotografia - que promove o “desenvolvimento de projetos fotográficos e videográficos que pretendem contribuir com perspetivas artísticas sobre iniciativas experimentais na área da sustentabilidade” (Ci.CLO, 2023)^{6].} Pelo Sustentar, foram desenvolvidos projetos tais como: 1) Em Plena Luz, de Elisa Azevedo, que “explora a integração de sistemas inovadores de captação de luz solar para tornar a zona histórica de Évora autossustentável do ponto de vista energético”; e 2) “A Arte de Sombrear o Sol”, de Evgenia Emets que “acompanha as alterações climáticas, a transição agroecológica e a agricultura sintrópica em Mértola como uma possibilidade de adaptação a uma realidade de severa escassez de água”(Município Setúbal, 2023)^{7].}

Na vertente da arte sonora e da música experimental como base para um trabalho complementar de investigação, Cláudia Martinho e Luís Bittencourt são exemplos de abordagens em que o som é o principal elemento de conexão entre a obra de arte e os públicos. “Wetland” é uma instalação áudio multicanal, de Cláudia Martinho, que espacializa os sons ambientais registados na Reserva Natural do Estuário do Tejo, a mais importante zona húmida de Portugal (Cláudia Martinho, 2023) . O texto de apresentação da obra refere sobre um ecossistema de água doce, com campos agrícolas e pastagens, que é o habitat de uma diversidade de espécies e de afluência de aves migratórias, onde se refugiam e se alimentam. A artista completa a dizer que a agrofloresta sustentável e a gestão das águas são vitais para a conservação do ecossistema e que organizações ambientais já alertaram sobre o perigo de construção de um novo aeroporto na região, o que iria trazer danos irreversíveis e impactos transfronteiriços (Cláudia Martinho, 2023)^{8].} O trabalho da artista e investigadora portuguesa centra-se na criação de instalações sonoras espaciais, composições e performances que procuram revelar, através do som, o invisível e as perturbações humanas na natureza.

^{6]} Para mais informação consultar: <https://ciclo.art/pt>

^{7]} Para mais informação consultar: <https://www.mun-setubal.pt/arte-mostra-iniciativas-sobre-sustentabilidade/>

^{8]} Para mais informação consultar: <https://claudiamartinho.net>

O compositor, produtor musical e multi-instrumentista, Luís Bittencourt, possui uma identidade artística bastante orientada para a música instrumental experimental. Em sua trajetória, também como artista-investigador, tem desenvolvido arranjos e composições em que a água e objetos do cotidiano são as principais fontes sonoras (Luís Bittencourt, 2023)^{9]}. Em seu projeto *Sons de Resistência*, o músico explora uma série de objetos sonoros que procuram evocar a consciência sobre o consumo global, a produção de lixo e os estilos de vida contemporâneos. A obra principal do concerto é *Import/Export: Suite for global junk*, do compositor britânico Gabriel Prokofiev. Esta obra utiliza como instrumentos uma paleta de madeira, um bidão metálico, sacos plásticos e garrafas de vidro e, ao longo dos sete andamentos da música, imagens sobre o consumo excessivo dos humanos e sua produção de lixo são ativadas. Depois de uma performance no Festival Ilustração à Vista, promovido pelo projeto 23 Milhas, uma crítica do próprio organizador do festival ao concerto referiu que o artista “utilizou três dispositivos aparentemente comuns como a água, a ironia ou um saco plástico para fazer música e um manifesto complexo sobre o estado pouco natural das coisas”.

Nesta secção, procurou-se apresentar exemplos que ilustram a diversidade de projetos artísticos e os seus exercícios políticos no âmbito da contestação ou de resultados promotores da sustentabilidade através das artes.

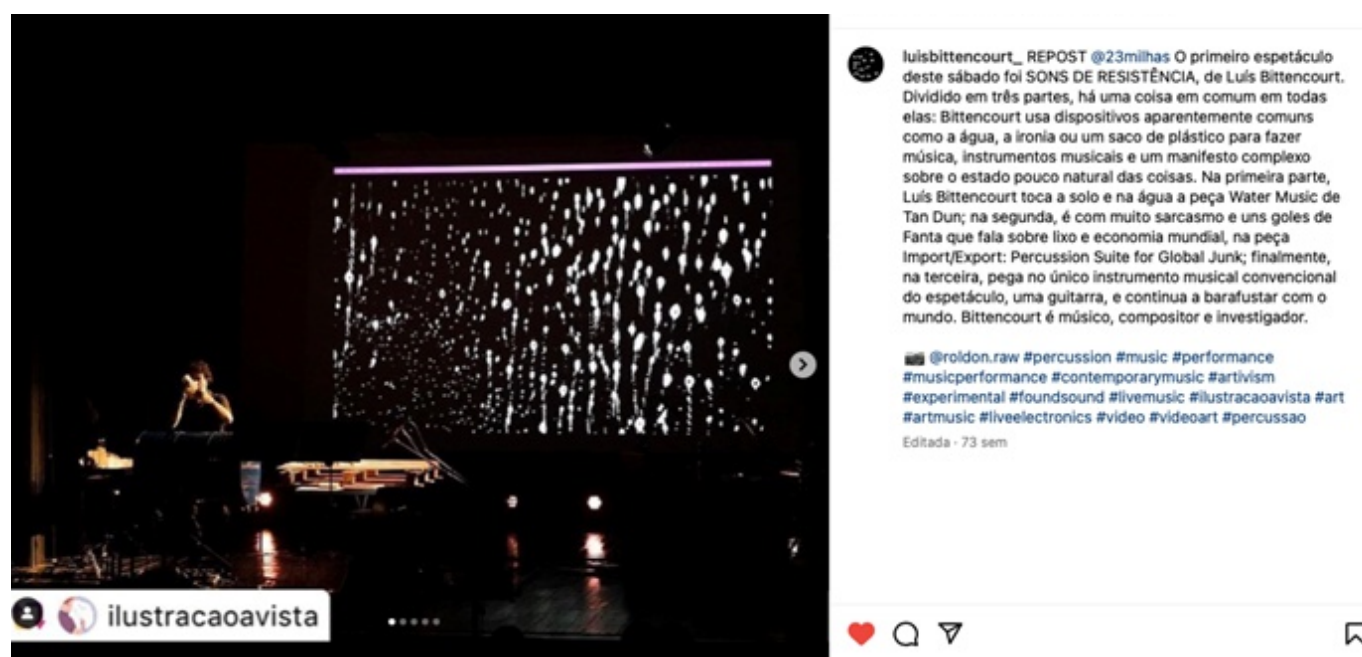


Figura 6: Crítica ao concerto Sons de Resistência, de Luís Bittencourt
Fonte: @23milhas e @luisbittencourt

^{9]} Para mais informação consultar: www.luisbittencourt.com

5. As políticas culturais de “arte e ambiente” em Portugal

Entre as referências governamentais de financiamento à cultura em Portugal, a Direção-Geral das Artes – Dgartes - é aquela que apresenta de forma mais explícita algum conteúdo direcionado às políticas de arte e ambiente. A Dgartes “é um organismo do Ministério da Cultura da República Portuguesa que tem por missão a coordenação e execução das políticas de apoio às artes em Portugal, com a prioridade de promover e qualificar a criação artística e garantir a universalidade da sua fruição” (DGARTES, 2023)^{10.].} Suas diretrizes incluem estratégias da UE que abordam desigualdades culturais e sociais ao nível global. De acordo com a Dgartes, a sustentabilidade nas artes enfatiza o papel da cultura na identidade europeia e no desenvolvimento socioeconômico. Suas diretrizes incluem diversidade cultural, acesso à cultura, mobilidade de artistas, indústrias culturais, cooperação internacional, inovação, educação cultural, patrimônio e participação cívica. No âmbito regional, os objetivos estratégicos das direções regionais de cultura mencionam a transição climática como um dos seus pontos prioritários. Contudo, a visão de cultura e as suas práticas parecem estar bastante centradas no patrimônio e na literatura com vistas à reabilitação territorial e arquitetônica e ao desenvolvimento socioeconômico e da literacia. Não se verificam apoios específicos à arte ecológica, mas existem os apoios gerais à produção artística, que no caso da Direção Regional de Cultura do Norte, traduz-se no apoio pelo “Programa de Apoio aos Agentes Culturais” às iniciativas culturais locais que, pela sua natureza, não se integrem em programas de âmbito nacional do Ministério ou que correspondam às necessidades ou aptidões específicas da região” (DRCN, 2023)^{11.].} No caso da direção Regional de Cultura do Centro é orientado para os projetos de associações privadas sem fins lucrativos com atuação específica no território da região Centro (DRCC, 2023)^{12.].} Verifica-se, portanto, a impossibilidade de acumular apoios regional e nacional para um mesmo projeto.

A DGArtes constitui-se como o principal foco nacional de financiamento para arte e ambiente e, apenas a partir de 2021, os formulários de candidaturas de apoio a projetos de criação, edição, procedimento simplificado, circulação nacional e internacional sugerem o cumprimento mais explícito de alguns objetivos específicos, tais como: a) fomentar a sustentabilidade ambiental e a implementação de boas práticas ecológicas nos domínios artísticos e b) promover a diversidade étnica e cultural, a inclusão social, a igualdade de gênero, a cidadania e a qualidade de vida das populações. O primeiro objetivo está diretamente relacionado com os temas/conceitos dos projetos, os modos e processos de criação artística, produção, comunicação e circulação das obras. Já o segundo objetivo pode ser, e seria bastante expectável que fosse, interpretado como uma oportunidade de conjugação entre justiça social e justiça ambiental. Nesta perspetiva os diferentes ativismos, sociais, políticos e ambientais, por exemplo, mantêm-se articulados. O único apoio específico da Dgartes sobre a temática ambiental é o concurso “Arte e Ambiente” em parceria com a Agência Portuguesa do Ambiente - APA. Neste apoio são avaliadas as práticas ambientalmente sustentáveis em todos os aspetos e etapas do projeto artístico, sendo relevante que se consiga integrar a participação ativa e o envolvimento de artistas e

^{10.].} Para mais informação consultar: <https://www.dgartes.gov.pt>

^{11.].} Para mais informação consultar: <https://culturanorte.gov.pt>

^{12.].} Para mais informação consultar: <https://www.culturacentro.gov.pt>

profissionais da cultura nas dinâmicas de transformação e de combate às alterações climáticas. Na primeira e única edição concluída até ao momento, foram aprovados 18 projetos: 12 projetos de cruzamento disciplinar, dois de música, um de artes plásticas, um de dança, um de fotografia e um de teatro (Dgartes, 2023).

Ao fazer uma análise reflexiva do setor cultural português, e partindo de uma interpretação ampla para uma mais específica, nota-se que é um setor condicionado pelas burocracias, pela precarização e informalidade do trabalho e pela falta de políticas culturais estruturadas que associe as diferentes instâncias local, regional e nacional. A concretização de uma política cultural consistente poderia refletir em apoios financeiros, de apoio à produção, formação e capacitação mais efetivos e mais abrangentes para os diferentes profissionais da cultura, artistas e instituições culturais. Um exemplo disto seria o reforço de protocolos entre os agentes da cultura e as câmaras municipais no que se refere aos espaços de criação, desenvolvimento de públicos para as artes e oferta cultural. Nota-se também que existem espaços culturais subaproveitados, como são algumas das bibliotecas municipais que poderiam ser espaços de convergência de diferentes modalidades artísticas e públicos. De forma complementar, os apoios regionais poderiam privilegiar outras necessidades para além da manutenção do património cultural e literatura, tais como o apoio na produção artística, formação de profissionais, investigação em âmbito regional articulado com instituições de educação.

A articulação seria complementada com os apoios nacionais em vertentes artístico-culturais diversificadas e através de objetivos e eixos estratégicos que ligam as instâncias local, regional e nacional. As políticas culturais da UE também estariam em consonância. Especificamente, o setor cultural mostra-se focado na conceção e apresentação de espetáculos (promoção de oferta cultural), com algum estímulo na formação de públicos para as artes, e menos orientado para a promoção de espaços e condições para a exploração artística e experiências estéticas a longo prazo. A arte vista como um processo pode constituir uma base para a experimentação, criação, participação pública e tempo de maturação e continuidade. Sobre este cenário, Marques (2015) explica que há um modelo de hierarquização da cultura, tanto através de uma classificação do tipo de cultura, quanto de uma noção de política cultural orientada do âmbito nacional para o local. Ao desconsiderar as interações culturais (pluralidade, diversidade, complexificação social e processos de significação), este modelo produz uma generalização elitista que define e organiza a cultura em cultura popular, cultura de massas e cultura erudita. E são também estas leituras elitistas e segregadoras de classes sociais que acabam por constituir a visão das políticas de cultura (Marques, 2015). E quando Marques (2015) propõe a democracia cultural como uma alternativa a esta perspetiva essencialista, está a referir sobre a capacidade inter-relacional da cultura e suas diversas nuances, e a sugerir a ênfase no desenvolvimento de um processo de participação pública na construção de uma política cultural efetivamente específica para cada contexto.

6. Da visibilidade mediática ao processo de maturação da arte ecológica

Nota-se o crescimento de projetos e artistas portugueses que incluem questões ambientais em suas criações. Isto resulta de influência intrínseca da cultura mediática (Kellner, 2001), e de uma visão de manutenção do capitalismo em que os temas com visibilidade são rentáveis, mas aponta também para a natureza identitária e consciência dos artistas sobre

a dimensão política da arte, sobretudo no atual estado de emergência climática. Para os artistas de reconhecimento global, como Vhils e Bordalo II, o discurso mediático parece focar-se mais na técnica criativa e no ponto de serem obras que compõem o espaço urbano e possuem alcance global. A componente ativista é referida e exaltada, mas facilmente é distraída no contexto geral. As obras provocativas de Bordalo II são uma exceção, pois como acompanham acontecimentos latentes, recebem uma projeção direta no tópico do ativismo. No caso destes dois artistas, nota-se menos o envolvimento em contextos de projetos educativos. Joana Vasconcelos é um exemplo de artista que possui uma projeção internacional e que, mesmo não priorizando uma abordagem ecológica ou ativista, já chegou a referir sobre algumas das práticas sustentáveis que faz questão de manter, principalmente o uso de matéria-prima reaproveitada e mão-de-obra de artesãos locais (Souza & Amaral, 2022). Contudo, a sua tentativa de diminuir a pegada ambiental poderia ser uma pauta mais desenvolvida pelos média e nos discursos das instituições culturais com o intuito de otimizar a reflexão ambiental em torno do trabalho da artista que também faz referências ao tema do feminismo. Os demais artistas e projetos portugueses mencionados neste artigo apresentam discursos e abordagens coerentes com a arte de contestação e/ou que promove a sustentabilidade nas artes. Seja pelo uso de materiais, instrumentos musicais sustentáveis, objetos sonoros e paisagem sonora, seja pela característica de um processo criativo preocupado em diminuir a pegada ambiental e instigar questionamentos e ações. Alguns exemplos possuem nuances da arte participativa, como o projeto *Sustentar e Xicogaivota*. Talvez a arte sonora e a música experimental, a exemplo de Cláudia Martinho e Luís Bittencourt, sejam áreas mais subjetivas na perceção sobre o potencial ativista. Contudo, as experiências com paisagem sonora^{13.]} permitem a criação de vínculo com o ambiente natural e as caminhadas sonoras podem ser vistas como exercícios formais ou informais que constroem consciência ambiental e social e promovem mudanças nas práticas sociais e culturais (Polli, 2012).

Apesar das políticas de financiamento para as artes e sustentabilidade em Portugal serem reduzidas e excessivamente centralizadas no espectro nacional, os financiamentos ao nível Europeu podem ser uma opção, pois são abrangentes. O desafio neste ponto é a capacidade de construir projetos competitivos e que tenham como proponentes organizações culturais ou de educação que façam parcerias com diferentes instituições e países. Este é um processo a longo prazo que exige dinamismo e visão estratégica. Em Portugal, as limitações nos apoios financeiros, bem como a falta de uma política cultural articulada e consistente, são fatores que contribuem para o funcionamento precário da produção artística e para uma execução limitada de projetos. Ter dimensões estratégica, temporal e financeira alinhadas pode sustentar um processo mais maduro de criação artística e um processo de experiência, participação e reflexão dos públicos. Este é um aspeto fundamental para a realização do ativismo ambiental ou mesmo para a implementação de práticas artísticas ambientalmente sustentáveis.

^{13.]} Paisagem sonora é um termo cunhado pelo compositor Canadense Murray Shaeffer para definir uma coleção de sons de determinado ambiente (Ver mais em Polli (2012).

7. Reflexões finais

Os projetos e artistas referenciados neste artigo representam um recorte que possibilitou a discussão teórica sobre ativismo ambiental e a breve análise sobre a estruturação do setor cultural e suas possíveis implicações para o desenvolvimento da arte ecológica ou da produção artística sustentável. É importante reiterar o funcionamento precário do setor cultural no que concerne aos direitos dos artistas, ao financiamento para as artes, com a fraca atuação de mecenas, à falta de dinamização e aproveitamento sustentável dos espaços e ainda à falta de uma política cultural articulada aos níveis local, regional e nacional. O tema ambiental faz parte da cultura e a emergência climática deve ser uma prioridade permanente nas diretrizes das políticas públicas. Ao mesmo tempo que a prática artística educa e promove reflexões ao público, também o ajuda a experienciar a vulnerabilidade ambiental nos seus próprios corpos (Rodrigues-Labajos, 2022). Assim, a arte ecológica pode causar reflexão e angústia, mas pode constituir o impulso necessário para a transformação e o desenvolvimento profundo da justiça social e ambiental, especialmente se tiver a perspectiva de conectar os diferentes tipos de ativismos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bordowitz, G. (2004). Tactics inside and out. *Artforum*. 43 (1). Acedido em: <https://www.artforum.com/print/200407/tactics-inside-and-out-critical-art-ensemble-7393>.
- Boullosa, R. F.; Peres, J. L. P.; Bessa, L. F. M. (2021). Por Dentro do Campo: uma Narração Reflexiva dos Estudos Críticos em Políticas Públicas. *Revista Organizações & Sociedade*, 28(97), pp. 306-332.
- Cevasco, E. (2003). *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Dieleman, H. (2008). Sustainability, art and reflexivity: why artists and designers may become key change agents sustainability. In S. Kagan & V. Kirshberg (Eds.). *Sustainability: A new frontier for the arts and cultures*. (pp. 1-26) Frankfurt: Vas Verlag.
- Felshin, N. (1996). *But is it art? The spirit of art as activism*. Seattle: Bay Press
- Guerra, P. (2019). Nothing is forever: um ensaio sobre as artes urbanas de Miguel Januário±MaisMenos±. *Horizontes Antropológicos*, 28 (55), 19-49.
- Kagan, S. (2014). *The practice of ecological art*. [plastik]. Acedido em: <http://art-science.univ-paris1.fr/plastik/document.php?id=866>. ISSN ISSN 2101-0323.
- Kellner, D. (2001). *A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: Edusc
- Kester, G. (2011). *The one and the many: Contemporary collaborative art in a global context*. Londres: Duke University Press
- Krieg-Planque, A. (2010). La formule “développement durable”: un opérateur de neutralisation de la conflictualité. *Langage & Société*, 134 (4), 5-29.

- Lopes, A. C., Farinha, J., & Amado, M. (2017). *Sustainability through art*. *Energy Procedia*, 119, 752-766.
- Margolin, V. (2005). Reflections on art and sustainability. In Smith, S. (Ed.). *Beyond Green: Toward sustainable art*. (pp. 20-29). Chicago: Smart Museum of Art University of Chicago.
- Marques, M. S. (2015). Críticas ao modelo hierarquizado de cultura: por um projeto de democracia cultural para as políticas culturais públicas. *Revista de estudos sociales* (online). 53, 43-51.
- Município Setúbal. (2022). *Arte mostra iniciativas sobre sustentabilidade* (notícia). Acedido em: <https://www.mun-setubal.pt/arte-mostra-iniciativas-sobre-sustentabilidade/>
- Polli, A. (2012). Soundscape, sonification, and sound activism. *AI & Soc.* 27, 257-268.
- Rancière, J. 2007. *Será que a arte resiste a alguma coisa?*. *riseup.net* (online). Acedido em: <https://we.riseup.net/assets/404237Jacques+Ranci%C3%A8re+Sera+que+a+arte+resiste+a+alguma+coisa.pdf>
- Rodrigues-Labajos, B. (2022). Artistic activism promotes three major forms of sustainability transformation. *Current opinion in Environmental Sustainability*. 57, 1-8.
- Ribeiro, A. (2017). Raymond Williams e Stuart Hall: perspectivas, objetos e engajamento. In: 18º Congresso Brasileiro de Sociologia: *Que sociologias fazemos? Interfaces com contextos local, nacional e global* (pp. 1-20). Acta: Brasília.
- Sheikh, S. (2017, 17 de julho). *Positively Trojan Horses Revisited*. *Void Network*. Acedido em: <https://voidnetwork.gr/2017/07/13/14889/>
- Smith, S. (2005). *Beyond Green*. In Smith, S. (Ed.). *Beyond Green: Toward sustainable art*. (pp. 12-19). Chicago: Smart Museum of Art University of Chicago.
- Souza, J.; Amaral, H. (2022). *Conversas com energia. Arte é fundamental para a consciencialização do estado ambiente, alerta Joana Vasconcelos*. *Capital Verde* (Notícia). Acedido em: <https://eco.sapo.pt/2022/06/01/conversas-com-energia-arte-e-fundamental-para-a-consciencializacao-do-estado-do-ambiente-alerta-joana-vasconcelos/>
- Vieira, T. (2007). *Artivismo: estratégias artísticas contemporâneas de resistência cultural*. (Mestrado). Porto: Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.
- Wallen, R. (2012). *Ecological art: A call for visionary intervention in a time of crisis*. *Leonardo*, 45 (3), 234-242.
- Walsh, C. (2012). The politics of naming. *Cultural Studies*, 26 (1), 108-125.

Tatiana Lopes Vargas

Doutorada em Estudos Culturais pelas Universidades de Aveiro e Minho com a dissertação intitulada “ócio e ambiente: subjetividades e práticas na iniciativa comunitária Aveiro em Transição”. Produtora cultural. Instituto de Ciências Sociais e Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal.

Email: tatianavargas.mail@gmail.com. ORCID: 0000-0003-4415-2025.

Agradecimento

Este estudo é fruto de um trabalho independente de investigação e foi motivado pela minha experiência como produtora cultural e pela convicção em abordar este tema. Um agradecimento especial à Professora Paula Guerra pela sua generosidade e cuidado com que conduziu a conferência que deu origem a este artigo. Tatiana Lopes Vargas, janeiro de 2024.

Receção: 16-10-2023

Aprovação: 15-02-2024

Citação:

Lopes Vargas, Tatiana (2024). A arte ecológica em Portugal: arte ativismo e políticas culturais sob a perspetiva dos estudos culturais. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 7(1), 42-57 ISSN 2184-3805. DOI:<https://doi.org/10.21747/21843805/tav7n1a4>



